

## APRESENTAÇÃO

*INTERFACE* realiza, com a publicação deste número, um desafio: trazer um material que *reflete* - tanto no sentido de espelhar, como de examinar o próprio conteúdo - o objeto da existência desta Revista. Estabelece um grande arco para o entendimento das possibilidades dessa enorme quantidade de configurações que se elaboram e se reelaboram neste final de século e milênio no campo da informação.

A inteligente seqüência dada ao material oferece ao leitor um momento privilegiado de acercamento com um tema que se abre com uma abalizada discussão sobre a comunicação na atualidade e se fecha com a instigante discussão sobre os livros no século XXI e seus leitores. Preenchendo o espaço polarizado por essa discussão de textos, o que se comunica aos leitores é uma extensa, rica e fundamentada proposta de abordar temas cujos núcleos se centralizam em torno dos novos significados da noção de rede; das relações redes sociais/educação/saúde pública/apoio social; dos condicionantes políticos na articulação comunicação/ educação/informação; do papel da imprensa jornalística na construção narrativa de um evento epidêmico; da rediscussão das relações entre a lógica biomédica, a fitoterapia e o saber popular no uso de ervas medicinais. Os debates sobre a transdisciplinaridade na avaliação de serviços, a entrevista tratando da formação docente, a resenha, os informes e a seção de criação condensam, neste número, o que tem sido, no meu entendimento, a proposta desta Revista: *trabalhar a educação como projeto, vocação e possibilidade de construção de uma sociedade democrática e justa*.

Os conteúdos deste número têm uma identidade temática, que exige retomar essas questões centrais, motivadas pelos próprios trabalhos.

Em primeiro lugar, a educação como *projeto*. Se tomarmos o projeto na vertente sartriana, (“*A questão do método*”), em que projeto e sujeito formam uma unidade dialética, pois “o homem define-se pelo seu projeto”, superando “perpetuamente a condição que lhe é dada”, revelando e determinando sua situação, “transcendendo-a para objetivar-se, pelo trabalho, pela ação, pelo gesto”, estaremos propondo a educação como processo que deita raízes no passado, fixa seu olhar sobre o presente, mas coloca o futuro como devir. Nesse sentido, não podemos marginalizar a compreensão da educação da dinâmica social e tecnológica que nos remete a formulações pedagógicas/educacionais impensáveis há algumas décadas. Praticamente, de um saber confinado - a era dos manuais - passa-se para um saber que se distribui não somente pelos mais distintos veículos,

mas se torna virtualizado e, como dizem os teóricos da área, a era informacional irá exigir-nos a saída do “estado presencial”. Esta visão, entretanto, não pode nos iludir. Recentemente, John Robert Schmitz (Folha, 18/7/00, A3) alertava sobre a época digital, lembrando que apenas três de cada cem brasileiros possuem um computador, o que exclui milhares de pessoas do contato com as modernas redes de comunicação. Refere-se, ainda, à utilização feita por usuários, jovens e adultos, de *sites* que “oferecem pouco ou nenhum valor informativo e instrutivo”. Portanto, o “estado presencial” é ainda a nossa realidade e, como destaca Marques Neto, neste número, devemos estar preparados para as mudanças que estão ocorrendo no mundo do livro - a “terceira revolução do livro”, a do livro eletrônico, depois da primeira revolução, inaugurada com a impressão, que conduziu a uma segunda, a da disseminação. Esta terceira revolução avançará para uma relação diferente do texto com o leitor - o hipertexto - de uma inevitável “civilização da tela do computador”. Mas, como já dissemos, esta probabilidade poderá demandar algum tempo e, como afirma Roger Chartier, citado por Marques Neto, o mais provável é a convivência, ainda durante algumas décadas, do manuscrito, da publicação impressa e da textualidade eletrônica.

A segunda questão, de abordar a educação como *vocação*, remete-nos a considerá-la não somente como técnica, mas como *locus* para a formação social e política reflexiva. Neste sentido, os conceitos iniciais trabalhados por Ribeiro, para dimensionar a noção de rede, parecem-nos fortalecer a relação com os processos educacionais, os de “mediações entre materialidade e ação social”, sem esquecer os nexos a serem estabelecidos com as novas tecnologias. Sem dúvida, o texto de Valla é da maior importância, quando nos aponta como trabalhar com duas categorias fundamentais -a solidariedade e o apoio social, como orientadoras da vocação do construir pedagógico na saúde.

Finalmente, considerar a educação como *possibilidade* é tentar uma leitura que a tome como instrumento para pensá-la tanto de forma autônoma - conjunto de normas, procedimentos e paradigmas, ou seja, um processo específico, como de considerá-la parte da dinâmica social global - como processo inclusivo. Situa-la como processo histórico-social, comprometida com os avanços tecnológicos, porém sem afastá-la de seus compromissos humanos, parece-nos garantir o seu papel frente às rápidas mudanças e políticas globalizadoras e desumanizantes.

Amarrar em poucos parágrafos a complexidade dos processos educacionais em época de intensa transformação, como a atual, e apresentar a diversidade temática deste número da Revista não é tarefa fácil. Como os leitores poderão sentir, mais do que as palavras deste Editorial, o prazer maior estará em acompanhar o cuidadoso exercício daqueles que, além de exercerem o ofício de ensinar, pesquisam e narram sobre o conhecimento da educação e da saúde, fazendo-nos continuar acreditando que é possível aliar saber e ação na construção de um mundo melhor.

Everardo Duarte Nunes  
Departamento de Medicina Preventiva e Social  
Faculdade de Ciências Médicas, UNICAMP  
Julho de 2000